

EM TORNO DO JORNAL *O AMIGO DO POVO*: OS GRUPOS DE AFINIDADE E A PROPAGANDA ANARQUISTA EM SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS DESTE SÉCULO.¹

EDILENE TERESINHA TOLEDO

O surgimento de vários novos estudos sobre o anarquismo, no Brasil como em outros países, deveu-se sobretudo ao fato de que a decepção com as "ditaduras do proletariado" havia aberto um espaço para o estudo da perspectiva libertária na história do socialismo, deixando de analisá-la unicamente como curiosidades pré-políticas ou fracassos históricos. De fato, algumas das previsões anarquistas, como o perigo da centralização do poder, do autoritarismo, da burocracia nos estados, partidos e movimentos, haviam se mostrado realistas, e a retomada de alguns temas caros ao anarquismo, nos anos 60 e 70, parecia fazê-lo ressurgir como força política. O argumento central da análise marxista, o da inevitabilidade histórica da revolução proletária, havia perdido sua força, o que fazia do anarquismo, para alguns, a única alternativa revolucionária. O interesse e o entusiasmo pelo anarquismo penetraram nas universidades. Entretanto, alguns historiadores marxistas consideraram desmedido esse grande entusiasmo. Hobsbawm argumentou, em um artigo do fim dos anos 60, que nenhuma simpatia poderia modificar o fato de que, como movimento revolucionário, o anarquismo tinha falido, e considerou o grande interesse que renasceu por ele, inesperado, surpreendente e injustificado. Argumentou também que, de qualquer forma, no plano ideológico das teorias e dos programas, o

¹ Este texto apresenta alguns dos resultados da pesquisa que realizei no Arquivo Edgard Leuenroth, para minha dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Estadual de Campinas, em 1994.

anarquismo permanecia marginal e que, além de propor a democracia direta de pequenas comunidades independentes, os anarquistas não apresentaram propostas particularmente úteis para o futuro. Para Hobsbawm, a anarquia não deu nenhuma contribuição significativa ao socialismo, embora defenda também, nesse artigo, a utilidade da sua função crítica e sua contribuição à estratégia e à tática revolucionária: o anarquismo foi mais sensível aos fluxos espontâneos nos movimentos de massa, o que se apreende na experiência histórica do movimento anarquista².

Os primeiros estudos sobre o movimento anarquista no Brasil foram realizados por militantes diretamente ligados à luta operária. Trabalhos como o de Astrogildo Pereira³, por exemplo, eram orientados por um modelo de desenvolvimento do movimento operário, onde o anarquismo era visto como erro, como desvio. Para essas análises, a predominância anarquista estaria ligada ao atraso no desenvolvimento industrial, à ausência de um autêntico proletariado ou à origem nacional dos operários, na maioria italianos. O anarquismo teria sido, nessa avaliação, um fator de desordem, de confusão, que teria afastado os trabalhadores de suas justas reivindicações. A ideologia anarquista estaria desprovida de todo caráter científico e seria ingênua, incoerente e utópica⁴.

No início da década de 60, as memórias de antigos militantes anarquistas contestaram essa forma de análise. Edgard Leuenroth⁵ procurou reconstruir a história do movimento anarquista desde seus primórdios. Edgard Rodrigues escreveu livros onde buscou enfatizar supostas características libertárias em diferentes movimentos sociais brasileiros,

² HOBBSAWM, Eric J. Quale insegnamento può ancora offrire l'anarchismo? in *Critica dell'anarchismo*. Vicenza, Mondadori, 1970.

³ PEREIRA, A. *A Formação do PCB*. Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1962.

⁴ Acerca das análises socialista e comunista sobre o anarquismo, ver o estudo do caso argentino: RUVIRA, Gonzalo Zaragoza. "Anarchisme et mouvement ouvrier en Argentine à la fin du XIXe siècle". in *Le Mouvement Social*, avril-juin 1978, n. 103.

⁵ LEUENROTH, E. *Anarquismo: roteiro de libertação social*. Rio de Janeiro, Ed. Mundo Livre, 1963. RODRIGUES, Edgar. *Os Anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo, Global, 1984 - entre vários outros.

desde o Quilombo de Palmares⁶. Para esses autores, as primeiras lutas operárias teriam sido a fase áurea do movimento em virtude da influência anarquista, a única ideologia verdadeiramente operária, já que traduziria fielmente os reais anseios de todos os oprimidos. O movimento operário posterior, para eles, ter-se-ia tornado autoritário e reformista. Essa versão do passado, contrapondo-se tanto à versão dos comunistas quanto à versão oficial associada ao getulismo, tendeu a mitificar esse passado.

A análise desses trabalhos dos militantes anarquistas e comunistas põe em questão a memória como reelaboração do passado, em um processo que envolve diferentes faces: lembrar, esquecer, construir - em um processo onde muitas vezes o passado é utilizado como argumento no presente.

É importante lembrar que vários historiadores trouxeram novas e importantes interpretações sobre o movimento anarquista⁷, sobretudo aquelas que alertaram para o fato de que as análises que pressupõem um

⁶ Era próprio dos anarquistas referirem-se à história do anarquismo como a do desenvolvimento do espírito antiautoritário através da história da humanidade. Eles consideravam que sua doutrina estava de acordo com as aspirações fundamentais do homem e que, em todos os tempos, os povos lutaram nesse sentido. Assim, a aspiração à liberdade, o espírito libertário seriam inerentes à natureza humana, remontariam à presença do homem sobre a Terra. Essa caracterização tão abrangente permitia encontrar pela história os mais diferentes tipos de anarquistas. Os seguidores de Tolstói, por exemplo, consideravam Jesus Cristo o verdadeiro fundador da Anarquia. Outros anarquistas reivindicavam Rabelais e La Boétie como seus precursores. Kropotkin também afirmava que os filósofos do século XVIII romperam com a tradição religiosa e procuraram seu apoio na ciência e na razão e, nesse sentido, essa filosofia teria sido também anarquista. Um exemplo deste tipo de história encontra-se em NETTLAU, Max. *La anarquia através de los tiempos*. Madrid, Jucar, 1978.

⁷ Ver PINHEIRO, P. S. e HALL, M. *A Classe Operária no Brasil*. (2 vols.), São Paulo, 1979, 1981. CAMPOS, Cristina H. *O Sonhar Libertário*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988; FAUSTO, Bóris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo, Difel, 1986; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão!* São Paulo, Brasiliense, 1983; PINHEIRO, P. S. "O proletariado industrial na Primeira República" in FAUSTO, Bóris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1977, vol. 9; MAGNANI, Sílvia L. *O Movimento Anarquista em São Paulo, 1906-1917*.

modelo do que a classe deveria ser, escamoteiam e distorcem a consciência real dos trabalhadores. Era necessário, portanto, recuperar a multiplicidade de expressões dos trabalhadores, e atentar para suas possibilidades e preocupações concretas.

O anarquismo enquanto movimento organizado surge em um momento histórico muito preciso, na crítica à sociedade industrial e aos males do capitalismo. Como na Europa, o anarquismo brasileiro surge nesse contexto. É necessário, pois, compreender a experiência anarquista em São Paulo, nos primeiros anos deste século, como parte da história dos movimentos operário e socialista internacional. Não há dúvida, de fato, que foi importante a influência anarquista na cidade de São Paulo do início do século, que viu o nascimento de muitos periódicos libertários em língua portuguesa, italiana e espanhola, embora a maioria tenha tido uma vida muito breve.

O jornal anarquista *O Amigo do Povo* estava na origem da constituição de um movimento político e sindical organizado, que influenciou sem dúvida a nascente classe operária e despertou um interesse geral pelo anarquismo. Em torno desse jornal, encontravam-se vários grupos anarco-comunistas, que constituíam uma dimensão própria da ação anarquista e tinham uma concepção diferenciada da estratégia a ser seguida. Suas diferentes opções de atuação visavam de uma e outra forma à educação dos trabalhadores. A análise desse caso delimitado permite-nos compreender um pouco mais um momento importante na história do anarquismo e dos trabalhadores brasileiros. Os diferentes temas apresentados pelo jornal *O Amigo do Povo* iam do anti-parlamentarismo à emancipação da mulher, da imigração à violência do Estado, da opressão e exploração dos trabalhadores no campo ao despotismo dos patrões nas fábricas das cidades, notícias do Brasil e do mundo, lamentos, histórias, denúncias.

O movimento operário do começo do século, certamente não pode ser reduzido ou identificado ao movimento anarquista, uma vez que a experiência da classe operária integra diferentes comportamentos. Não se

São Paulo, Brasiliense, 1982; MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

deve, porém, em um extremo oposto, negar a influência anarquista entre os trabalhadores nesse momento, uma vez que eles estiveram presentes em importantes momentos da formação da classe⁸ e participaram da sua organização.

O movimento anarquista tinha por objetivo a divulgação de idéias políticas que englobavam também a construção de uma cultura e moral operárias não contaminadas pelos dogmas da Igreja, do Estado e pela moral burguesa. Além da propagação desse ideário político, cultural e moral, o anarquismo procurava incentivar a luta do operariado contra a exploração capitalista.

Como na Europa, os grupos anarquistas no Brasil, no início do século, apresentavam diferentes orientações: simples diferenças e sérios antagonismos envolviam questões teóricas e práticas. Apesar da convivência e cooperação, alguns grupos atacavam a atuação anarquista nos sindicatos, considerando-a reformista e não revolucionária (nos jornais *La Battaglia*, *La Barricata* e *Guerra Sociale*, por exemplo). Apesar da heterogeneidade de opiniões entre os anarquistas, havia unanimidade em relação a certos aspectos: a necessidade da abolição do Estado, a recusa da tática eleitoral e parlamentar, a oposição à idéia de um partido centralizado. Para todos os teóricos anarquistas, a anarquia era um estado social em que tivesse desaparecido toda autoridade. Esse era, para eles, o critério que permitia distinguir o anarquista dos socialistas. Assim, o essencial da doutrina era destruir a autoridade sob suas várias manifestações.

É difícil avaliar o grau de penetração da ação anarquista nos primeiros anos do século, mas as fontes evidenciam que o Estado temia suas ações e os efeitos de sua propaganda no meio operário. Os grupos esforçavam-se por organizar-se, mas a repressão era muito intensa. Vários documentos nos revelam o medo das classes dominantes com relação aos operários e revelam que elas tinham a pretensão de livrar-se dos problemas sociais, através da expulsão de alguns indivíduos, que julgavam responsáveis pelos protestos do operariado. Malgrado as adversidades, os anarquistas pareciam confiar sempre no futuro em que alcançariam a anarquia.

⁸ A classe operária é entendida aqui como o conjunto dos trabalhadores manuais urbanos, do artesão independente até o operário não-qualificado, passando pelos lixeiros, pedreiros, vendedores ambulantes, entre outros.

Pode-se dizer que, a partir de 1900, a organização operária começa a assumir contornos mais precisos: formam-se as primeiras ligas operárias de chapeleiros, alfaiates, tecelões e outros. O movimento aumentava progressivamente: pertencem a esse período as grandes greves na fábrica Santa Maria (vidreiros) e nas fábricas Anhaia e Penteado (tecelões) que abalaram profundamente São Paulo e que foram os primeiros indícios do despertar operário, segundo os militantes. Alceste De Ambris chegou a afirmar que, depois da greve dos ferroviários, "a burguesia paulista não poderá iludir-se de que o proletariado não exista"⁹.

É por volta desse período que novos grupos anarquistas começavam a constituir-se¹⁰ com a presença de italianos, brasileiros e outros. Iniciava-se a edição de jornais em português e criavam-se novos instrumentos de propaganda. A educação tornava-se um aspecto importante da atividade anarquista, com a organização de bibliotecas, centros de estudos e escolas. O primeiro número do jornal *O Amigo do Povo* já enfatizava a necessidade da fundação de Centros Educativos Anarquistas.

A imprensa registrava as festas, o teatro. *O Amigo do Povo*, jornal em torno do qual gravitavam diversos grupos, anunciava nesse mesmo período em suas festas a apresentação de um drama de Giulio Sorelli, *Il Giustiziere*, palestras de Cerchiai e Morales, e onde o poeta Ricardo Gonçalves falava sobre Zola¹¹. Descreviam também o funcionamento dos centros de estudo:

"O Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo com sede na rua Bento Pires, n. 19, de iniciativa do grupo editor de O Amigo do

⁹ DE AMBRIS, Alceste. "Il movimento operaio nello stato di San Paolo" in *Il Brasile e gli italiani*. Firenze, 1906, p. 845. (Citado por PINHEIRO, P.S. e HALL, M. *A Classe Operária no Brasil (documentos - 1899 a 1930)*. vol. 1, São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.

¹⁰ Já no final do século XIX, em São Paulo, haviam sido fundados vários jornais: *Gli Schiavi Bianchi*, dirigido por Galileo Botti, *L'Asino Umano*, de Felice Vezzani e Augusto Donati, *L'Avvenire* com Giuseppe Consorti, Augusto Donati e Lodovico Tavani e *Il Risveglio*, escrito por Alfredo Mari e Gigi Damiani em 1898.

¹¹ O naturalismo expandiu o campo da literatura como representação da "realidade", adotando como tema os oprimidos e explorados e mesmo as lutas dos trabalhadores. Por isso, Zola é tão admirado e tão citado pelos anarquistas.

*Povo, começou a funcionar regularmente no dia 22 do corrente, organizando o programa seguinte: lições - terças e quintas - às 7 da noite, domingo - às 3 da tarde; palestra de sociologia aos sábados, 7 da noite; leitura nos dias restantes, às 7 da noite."*¹²

Em 1903, publica-se o romance *Ideólogo* de Fábio Luz, que representaria um marco deste tipo de propaganda anarquista no Brasil. A partir daí, a "literatura útil" anarquista passaria a integrar o cenário da vida cultural da época.¹³

No mesmo ano, um relatório de um diplomata italiano informava ao Ministro da Relações Exteriores da Itália sobre suas conversas com o Barão do Rio Branco. Apesar do preconceito, das fantasias de conspiração e das confusões, o texto dá-nos tanto informações sobre o movimento anarquista quanto sobre o pensamento e o medo das classes dominantes com relação aos operários:

"É na cidade de São Paulo que o grupo anarquista tem, pode-se dizer, o seu quartel general e é dele que os anarquistas dirigem os grupos menores espalhados em outras regiões do Brasil. (...) Nesta cidade onde pelo menos um terço da população é italiana, os anarquistas têm vários órgãos periódicos de publicidade e é também aí que se imprime com maior frequência os opúsculos de propaganda e os folhetos e libelos subversivos que não são distribuídos somente entre os operários do Brasil mas também enviados (...) a outros centros de imigração italiana.(...) Disse-me o Barão do Rio Branco que está convencido da necessidade de providências enérgicas para reprimir a audácia dos agitadores estrangeiros, os quais gozaram até agora de uma excessivamente longa tolerância por parte da qual

¹² Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo, *O Amigo do Povo*, 30-01-1904.

¹³ LUIZETTO, F. "O recurso da ficção - um capítulo da história do anarquismo no Brasil" in *Libertários no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1984. Para Luizetto, este tipo de propaganda visava atingir outros segmentos sociais que não de trabalhadores. O alcance social do anarquismo é difícil de ser demarcado. Acredito, porém, que essa literatura era lida também por parte dos trabalhadores.

começam a ver-se os frutos na agitação das massas operárias e no caráter ameaçador das greves que se seguem nos principais centros industriais do Brasil."¹⁴

Isso parece demonstrar que já nesse momento a propaganda anarquista entre os trabalhadores tinha algum alcance, pois o contrário não justificaria a preocupação constante das autoridades.

Em 1904, Ricardo Gonçalves levava para o movimento anarquista aquele que seria um dos seus maiores militantes, Edgar Leuenroth. Ricardo levaria também para a grande imprensa a divulgação do ideário anarquista:

"Assim que, por volta de 1905-1906, surgem no Comércio de São Paulo pequenos flashes da cidade, em geral nas colunas de canto, que não ocupavam mais do que um ou dois parágrafos. É a seção do "Corvo" que entra como gancho para a crítica de aspectos inéditos da luta diária pela sobrevivência. O tom jocoso, a irreverência muitas vezes temperada de cinismo, traziam para o leitor da imprensa convencional opiniões e contrastes que lhe eram inteiramente inéditos."¹⁵

Os operários constituíam uma pequena parcela da população que no entanto crescia gradativamente. Em São Paulo, a influência dos italianos era muito grande. Sem dúvida, esse fato teve conseqüências na consciência e organização dos trabalhadores, ainda que não seja, obviamente, o único elemento explicativo. Em 1900, 92% dos operários industriais no Estado de São Paulo eram estrangeiros e 81% eram italianos.¹⁶ A vasta maioria era composta de homens e mulheres vindos de áreas rurais.

No Brasil, pessoas de origens culturais as mais diversas compartilharam uma experiência semelhante de exploração, péssimas

¹⁴ PINHEIRO, P. S. e HALL, M. Op. Cit.

¹⁵ PRADO, Antonio Arnoni. "O cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves". in PRADO, A. A. (org.) *Libertários no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

¹⁶ PINHEIRO, P. S. "O Proletariado Industrial na primeira República". in FAUSTO, Bóris (org.) *História Geral da Civilização ao Brasileira*. São Paulo, Difel, Tomo III, Vol. III, 1981, p.139.

condições de trabalho e moradia, discriminação e violência. Compartilharam a desilusão, o sofrimento, e algumas vezes a revolta. Viviam em um mesmo cenário, conviviam nos cortiços, nas fábricas, nos bondes. Começavam a surgir, aqui, os bairros típicos das classes trabalhadoras, como afirmava um estudo sobre indústrias em São Paulo, em 1901:

"Nas proximidades das novas linhas de bonde ou das estações das Estradas de Ferro, ao longo das velhas e tortuosas estradas rurais, cujos nomes antigos vieram até praticamente os nossos dias, foram surgindo então os novos bairros ditos operários. Os primeiros, pelos lados do Brás, Móoca, Lapa, Luz, Santana, via trezinho da Cantareira, Barra Funda, para lá dos bairros ricos, Campos Elíseos e Higienópolis. Enquanto isso, bairros velhos como o Bexiga, Bela Vista, a Liberdade, ganharam cortiços sobre cortiços, de gente que esperava a oportunidade para morar melhor."¹⁷

As informações acessíveis deixam claro que muito poucos operários adultos conseguiam ganhar o suficiente para prover as necessidades básicas de uma família. Os custos alimentares consumiam grande parte dos salários de uma família operária. As condições de trabalho eram péssimas. Artigos na imprensa operária freqüentemente associavam a fábrica a uma cadeia: horas intermináveis de trabalho duro, violência e arbitrariedades de patrões e contra-mestres, perigo de acidentes, má-remuneração. Esses trabalhadores lutaram dentro de um campo de possibilidades, delimitado por aquelas condições específicas de exploração e controle social. É claro que não se pode dizer que a classe operária teve um papel fundamental nos rumos dos acontecimentos na Primeira República, mas também não se pode dizer que não teve papel algum.

É dentro desse contexto que se desenvolve em São Paulo a atuação dos anarquistas que tiveram, sem dúvida, influência sobre o comportamento político dos trabalhadores.

¹⁷ LEMOS, C.A.C. in CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil. 1877 e 1914*. São Paulo, DIFEL, 1979, p. 37.

Os anarquistas acreditavam na possibilidade de identidade entre todos os homens, unidos em torno do desejo de construir uma sociedade mais justa, mais natural e mais racional. Por outro lado, admitiam que na luta em que estavam empenhados, encontravam-se quase que exclusivamente as massas operárias, pois eram elas que sofriam diretamente as conseqüências das injustiças sociais e seriam, pois, as principais interessadas em suprimir as causas dos seus sofrimentos. Assim, no início do século, grande parte dos anarquistas vão endereçar os seus discursos às classes trabalhadoras, procurando convencê-las de que sua desgraça constituía uma injustiça e que tinha uma solução revolucionária. Buscando valorizar o trabalhador, em alguns momentos, os anarquistas articularam seus discursos em torno da defesa do trabalho, tentando criar uma identidade entre os trabalhadores, preocupando-se não em diferenciá-los do resto da massa dos despossuídos mas sim dos "parasitas burgueses".

De fato, a atenção dos anarquistas para com os desqualificados era antiga. Enquanto o marxismo geralmente mostrava um grande desdém pelo lumpemproletariado e pelos camponeses, os anarquistas não acreditavam na existência de duas classes homogêneas - burguesia e proletariado - e apostavam em todos os trabalhadores, todos os explorados, para mostrar a todos os homens o caminho da verdade e da justiça. Portanto, os anarquistas não concediam um papel específico ao proletariado industrial. Todos os pobres e oprimidos eram considerados potencialmente revolucionários.

Alguns relatórios policiais, entre outras fontes, revelam que os grupos anarquistas eram constituídos em sua grande maioria por trabalhadores. Esses grupos tinham suas sedes nos bairros pobres da cidade.

Como vimos anteriormente, o alcance social do anarquismo no Brasil, é difícil de ser precisado. Em 1909, um relatório policial falava sobre grupos anarquistas em São Paulo, nos quais encontravam-se ainda vários militantes que haviam participado da experiência de *O Amigo do Povo* e dos grupos que giravam em torno dele:

"Grupo da Battaglia", dirigido pelo conhecido anarquista Oreste Ristori, diretor proprietário do jornal do mesmo nome e por seu companheiro íntimo A. Cerchiai. Compõem-no numerosos tipógrafos e metalúrgicos e algumas suas mulheres. Formam o núcleo mais intelectual, realizam ali freqüentes discursos de Ristori, de Cerchiai, de Damiani, de Sorelli, de Boni e outros, para fins de propaganda e para angariar fundos para o jornal e para subscrições

de solidariedade. Os filiados dispõem de meios discretos, sendo quase todos operários que ganham de 7 a 10\$000 (réis) por dia! Por isso pouco perigosos.

Grupo chamado Ponte Grande. Compõe-se de uma vintena de italianos, de mísera condição, quase todos lixeiros, sapateiros, operários de olarias, areiros e outros ofícios baixos.

Grupo Pensiero ed Azione, também chamado Grupo do Bom Retiro. Dele fazem parte uma centena de operários, quase todos pedreiros, carpinteiros e empregados das vizinhas oficinas ferroviárias; reúnem-se para conferências, festas e beberetes quase todos os domingos. Alma dele é um tal Enrico d'Avino, jovem culto e, diz-se, de nobre família de Lucca, que conseguiu constituir, como emanção do grupo e com a cooperação direta do propagandista Tobia Boni, de Ristori, de Chiari Gino e outros, uma escola elementar mista, freqüentada de maneira estável por cerca de cinquenta alunos, entre meninos e meninas, quase todos filhos ou parentes dos anarquistas do círculo. Nessa escola de D'Avino, que dele recebe a subsistência e seus amigos, fazem marcada e contínua propaganda subversiva, instilando nos jovens corações dos alunos o mais cruel ódio de classe e a negação dos princípios religiosos e morais, expondo a contínuo vilipêndio sobretudo as pessoas da nossa Real Família, pior ainda do que faz o conhecido Damiani na Battaglia do companheiro Ristori!

Grupo Aurora, dirigido pelos anarquistas Pietro Frigeri e Vella Onofri, com uns quarenta aderentes e contribuintes voluntários. Reúne-se aqui e ali, sem sede própria, nos bairros baixos da cidade (Lavapés, Brás, Cambuci), apelidando-se também de Grupo do Cambuci; distribui opúsculos de propaganda, organiza farras e bailes, nos quais, com freqüência ocorrem rixas sangrentas; deles fazem parte diversos ladrões e desajustados."¹⁸

¹⁸ Relatório do comissário de Segurança Pública Cesare Alliata-Bornner, funcionário do serviço especial de vigilância junto ao consulado italiano em São Paulo, ao sr. Luigi Bruno, ministro da Itália, em Petrópolis, RJ, 30 de junho de 1909. PINHEIRO, P.S. e HALL, M. Op. Cit., vol. I.

Esse relatório revela que os grupos anarquistas eram constituídos em sua grande maioria por trabalhadores. A referência à presença de "ladrões e desajustados" é questionável, bem como as supostas farras, pois os anarquistas no Brasil parecem ter mantido uma moral bastante rígida e até puritana. No entanto, talvez esta referência não deva ser tão facilmente descartada. Na Europa há setores anarquistas que voltam seus esforços de propaganda para o lumpemproletariado. Não há razão para que isso não ocorresse no Brasil, ainda que sendo, sem dúvida, uma tendência minoritária. Além disso, como esses grupos tinham suas sedes nos bairros pobres da cidade, é possível que não houvesse um rígido controle sobre seus frequentadores. Há também o fato de que o relatório aponta ladrões em um dos grupos apenas. Algumas vezes a própria imprensa anarquista se lamentava das brigas em suas festas.

Mas de forma geral, os anarquistas procuraram dar ênfase à respeitabilidade operária. Observem, por exemplo, esta carta de José Oiticica a um chefe de polícia:

"(...) Desafio a que me aponte V. Excia, ou quem quer que seja, um assassino, um só entre os anarquistas do Brasil, um ladrão, um incendiário, um desordeiro, um adulator, um vagabundo, um mendigo, um delator, um vigarista... Desafio porque tenho a certeza e os fatos o têm provado, de que, se algum trabalhador, tido por anarquista, cair na malandragem ou se apegar à bajulação eleitoral, será literalmente arredado dos meios libertários (...)."¹⁹

É interessante observar que o anarquismo tinha um caráter de conversão quase religiosa; não era apenas um conjunto de idéias políticas, o anarquismo era uma forma de vida. O anarquista Victor Serge observa isso em suas memórias:

"O anarquismo nos tomava inteiramente porque nos exigia tudo, oferecia-nos tudo. Não havia um recanto da vida que ele não iluminasse, ou ao menos assim nos parecia. Podia-se ser católico, protestante, liberal, radical, socialista, até sindicalista, sem que nada

¹⁹ PRADO, A. A. (org.). Op. cit., p. 195.

*mudasse na vida de cada um e, portanto, na vida. Afinal bastava ler o jornal respectivo, a rigor, freqüentar uns ou outros cafés. Tecido de contradições, dilacerado em tendências e subtendências, o anarquismo exigia antes de tudo o acordo entre atos e palavras.*²⁰

Foi em 1902 que um grupo de anarquistas resolveu fundar o jornal *O Amigo do Povo*: Neno Vasco, Benjamim Mota, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, entre outros colaboradores. Todos participariam da história posterior do anarquismo no Brasil. Pequenas referências permitem vislumbrar também a participação de mulheres nesse movimento: Maria de Oliveira, Matilde Magrassi, Elisabetta Valentini, Sorelina Giordani. Do Rio de Janeiro, escreviam Motta Assumpção, Manuel Moscoso, Luigi Magrassi, Elisio de Carvalho e Fábio Luz. *O Amigo do Povo* era distribuído também em alguns cafés e esquinas do Rio.

Diversos grupos articularam-se em torno do novo jornal, unindo os empenhos de propaganda em um esforço coletivo. O jornal, escrito em português, era uma tentativa de criar uma identidade e atenuar as diferenças. Dispostos a despertar nos trabalhadores as energias morais que lhes dariam o controle do seu destino, eles propunham uma sociedade que, além da destruição do Estado e da burguesia, supunha a produção de uma outra humanidade: acreditavam que o caminho para a transformação da sociedade era a transformação das pessoas pela educação e pela propaganda. Propunham uma nova identidade, uma nova maneira de viver, atacando os valores da sociedade capitalista.

Ao criar esse jornal, os anarquistas brasileiros seguiam os passos habituais dos militantes de outros países, mas também visavam criar uma experiência de informação alternativa em meio à grande imprensa e, muitas vezes, explicitamente em oposição a ela. Os anarquistas atribuíam à educação a função de tornar possível o acesso a uma consciência revolucionária. Nesse esforço em favor da educação, a imprensa era o principal meio de expressão das idéias, pois era o único veículo de grande alcance. Abordavam as idéias centrais da tradição anarquista, mas

²⁰ SERGE, Victor. *Memórias de um Revolucionário. 1901-1941*. São Paulo, Cia. das Letras, 1981, p. 51.

certamente através de questões que eram centrais para o contexto daquele início de século no Brasil: a questão dos partidos, as leis, a república, o patriotismo, a polícia, a imigração, os costumes.

O Amigo do Povo foi o primeiro jornal anarquista em São Paulo, em língua portuguesa, a ter uma publicação regular.²¹ Durante seus três anos de existência (1902, 1903 e 1904), o grupo conseguiu criar 63 números do jornal. A frequência variou entre uma semana e quinze dias e o número de páginas entre três e quatro. Isso variava com a quantidade de recursos disponíveis e o estado de ânimo dos redatores e colaboradores. Situava-se à rua Bento Pires, n. 35. Não tinha um preço fixo, cada um pagava segundo sua vontade e não era recusado a quem o pedisse gratuitamente. Não obstante, observaram que, havendo quem o desejasse ler por curiosidade ou mesmo para combater seus ideais e não querendo, este leitor, pela subscrição voluntária parecer mostrar uma simpatia que não sentia, aceitavam assinaturas: cada série de 10 números custava 1\$000. Em 1903, passa a ser vendido também pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar das condições econômicas precárias do jornal, camaradas e simpatizantes conseguiram mantê-lo por esses anos, através da subscrição voluntária: exercitaram a solidariedade tão desejada.

Gigi Damiani, um dos principais colaboradores de *O Amigo do Povo*, chegou ao Brasil em 1897, aos 21 anos. Benjamim Mota, jovem advogado e ex-republicano, aderiu ao anarquismo também em 1897. Na mesma época chegaram também ao Brasil outros personagens que se tornariam grandes figuras do anarquismo no país: Angelo Bandoni, Giulio Sorelli, Alessandro

²¹ São também desse período vários outros jornais anarquistas, que, no entanto, tiveram uma vida mais breve e eram escritos sobretudo em italiano: *La Terza Roma* (publicação do grupo socialista-anarquista Pensiero e Azione, número único, 20-09-1901); *Germinal* (editado pelo Círculo Educativo Libertário Germinal, sob a responsabilidade de Angelo Bandoni e Diulio Bernardoni, 1902). *La Voz del Destierro* (número único de 1903, publicado por ocasião da expulsão de anarquistas da Argentina), *La Nuova Gente* (publicação do grupo La Propaganda, 20-09-1903), com o mesmo nome *La Nuova Gente* (redigido por Giulio Sorelli e Luigi Magrassi, 1903). O jornal *La Battaglia* (publicado por Oreste Ristori, com a colaboração de Damiani, Cerchiai e outros tem vida longa. Fundado em 1904, sobrevive até 1912.

Cerchiai, Oreste Ristori, Luigi Magrassi e Neno Vasco. Juntos procuraram difundir a idéia anarquista entre os trabalhadores, denunciando as condições de exploração da mão-de-obra imigrante nas fazendas de café e nas fábricas da cidade.

Gregório Nazianzeno de Vasconcelos, o Neno Vasco, era um dos militantes que estavam à frente do jornal. Era um advogado português, que chegara à São Paulo por volta de 1900. Logo tomou contato com outros anarquistas, difundindo a idéia do grupo de propaganda. De 1901 a 1911, data do seu retorno a Portugal, Neno Vasco teve um papel destacado no movimento anarquista brasileiro.

Junto a ele, estava Benjamim Mota, que após dirigir *A Lanterna* em 1901, passara de livre-pensador a anarquista, a mesma trajetória que seguiria Edgard Leuenroth pouco depois. Mota também era advogado e defendeu muitos militantes ameaçados de expulsão, e escreveu um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o anarquismo: *Rebeldias*.²² A eles se juntou Alessandro Cerchiai, italiano, que no Brasil trabalhou seja como lixeiro seja como professor, e foi um dos principais colaboradores do jornal. Colaborou também com o jornal *Germinal*, fundou também o *La Nuova Gente*, e escreveu no *La Battaglia*, entre outros. Em 1903 foi para a Argentina, de onde enviou vários artigos para *O Amigo do Povo*. Em 1904, voltou para o Brasil. Destacou-se na atividade de ensinar pelos métodos do pedagogo espanhol Francisco Ferrer, fuzilado em 1909. Tito Batini recorda-se de Cerchiai nas suas memórias:

*Os livres-pensadores desde meus pais a meus mestres. Aluno da Escola Moderna inspirada nos ensinamentos do livre-pensador Francisco Ferrer y Guardia. Mestre Alessandro Cerchiai nos batiza, a mim e a meu mano Pio Líbero, em nome da liberdade, derramando vinho Lambrusco em nossas cabeças.*²³

²² Nesse livro Benjamim Mota escreveu: *"De rebeldia em rebeldia, contra as mentiras e contra as hipocrisias, cheguei até o anarquismo, abracei o ideal mais humanitário que existe nas sociedades modernas, preocupando a atenção dos sábios, dos liberatos e principalmente do proletariado, a eterna vítima do regime burguês"*. MOTA, Benjamim. *Rebeldias*, São Paulo, Tipografia Brasil, 1898.

²³ BATINI, Tito. *Memórias de um Socialista Congênito*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

Oreste Ristori, italiano, vindo do Uruguai, depois de ter morado também na Argentina, colabora também com *O Amigo do Povo*, antes de fundar o jornal *La Battaglia*.

Os grupos que mais se destacaram no período eram: Grupo Socialista Anarquista "O Amigo do Povo"; Círculo Educativo Libertário Germinal; Grupo Filhos da Era Anarquista; Grupo La Propaganda; Grupo Pensiero e Azione; Grupo Nuova Civiltà.

A base da vida política do anarquismo no Brasil nesse período era a cooperação voluntária entre esses pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. O grupo era mesmo a célula organizativa do movimento anarquista tradicional. Elísio de Carvalho observava, em um balanço que fez do movimento, que os grupos eram

*"abertos a todos os indivíduos os quais podem entrar e sair quando entenderem, existindo ausência completa de obrigação e de sanção e sem outro objeto que não seja o desejo de viverem mais em harmonia com a concepção de vida social futura que concebe o anarquismo."*²⁴

Muitas vezes, a ação da propaganda limitava-se a publicações anti-eleitorais, anti-militares, anti-clericais e anti-burguesas e a apoiar campanhas a favor de presos. A tarefa essencial do militante era discutir o anarquismo com outros anarquistas e falar ou escrever em jornais, comícios, campanhas, conferências. As diversas conferências que aparecem em *O Amigo do Povo*, feitas especialmente por Cerchiai e Benjamim Mota, apresentavam, entre outros, os títulos: "A ação imoral do parlamentarismo", "Os produtos da terra e da indústria", "A mulher na sociedade burguesa e na sociedade futura", "Ressurreição humana", "A sociedade moribunda", "Maternidade voluntária", e em italiano: "Gente nuova", "Capitale e lavoro", "La donna nell'avviamento alla emancipazione del proletariato", "Il Primo Maggio", "Fine del mondo". É provável que sensibilizassem muitos trabalhadores uma vez que descreviam a exploração a que estavam submetidos nas fábricas paulistas e apontavam uma solução.

²⁴ *Kultur*, março de 1904.

Algumas vezes os grupos relatavam suas experiências no que se referia à publicação dos jornais:

*"Cinco meses são passados desde que lançamos a iniciativa, e temos tido ocasião de ver a nossa obra (coroadada de inesperado sucesso) cada vez mais se desenvolvendo e triunfando sobre diversas dificuldades que se nos apresentam - dificuldades morais e financeiras. O nosso jornal é hoje procurado, lido e discutido. Os 600 exemplares já não chegam: urge aumentá-los"...*²⁵

O Amigo do Povo muitas vezes descrevia as dificuldades do jornal e fazia apelos aos companheiros:

*"Seria conveniente que em cada povoação, onde possam colocar-se alguns exemplares, se encarregue de sua distribuição um companheiro ativo, que tratará de nos enviar mensalmente o dinheiro recolhido, pouco ou muito. Se obtivermos apoio dos companheiros, poderemos dedicar-nos a outras iniciativas, como a publicação de folhetos e livros em português, o que hoje só lentamente fazemos."*²⁶

Se o sonho de cada grupo era ter o seu próprio jornal, o sonho seguinte era transformar o jornal em um semanário, de forma que pudesse tornar mais produtora a propaganda, estando mais presente e podendo discutir acontecimentos recentes.

É difícil saber quantos anarquistas havia nesse período. Certamente não eram muitos - embora algumas vezes afirmassem o contrário - senão teria sido mais próspera a vida dos jornais. É certo que, como em outros países, havia um grande interesse geral pelo anarquismo. Isso, contudo, não pode ser interpretado como prova da penetração anarquista entre os trabalhadores. É claro, entretanto, que devia haver simpatias difusas entre os operários por um ou outro aspecto da filosofia anarquista. Mas certamente

²⁵ "Aos amigos do povo" in *O Amigo do Povo*, 13-02-1904.

²⁶ *O Amigo do Povo*, 13-02-1904.

havia uma grande diferença entre um simpatizante e um militante. Talvez muitas pessoas não fizessem mais do que simplesmente comprar um e outro jornal.

Os militantes propriamente ditos estavam organizados em grupos de caráter diverso. A célula organizativa, como vimos, era o grupo de afinidade. As fontes dão-nos notícia, em um e outro momento, de alguns pequenos grupos. Poucos mais poderia haver, se nem a polícia soube deles e não são mencionados na imprensa. Não parece que esses grupos tivessem uma estrutura fixa. Provavelmente, os membros novos entravam por recomendação de algum antigo - assim como o poeta Ricardo Gonçalves levou Edgard Leuenroth para o anarquismo - e continuavam juntos até que os desentendimentos ou a repressão desagregasse o núcleo.

Esses grupos eram primordialmente centros de discussão, mas alguns se especializavam em atividades concretas. O Grupo Libertário Germinal, por exemplo, foi responsável pela criação e manutenção de escolas, o grupo La Propaganda era responsável pela publicação de livros e folhetos, o grupo Filhos da Era Anarquista era responsável por mandar vir publicações estrangeiras, o grupo O Amigo do Povo se incumbia da criação dos centros de estudos sociais e das bibliotecas, bem como da publicação do jornal, tarefa que às vezes dividia com o grupo Nuova Civiltà. O Grupo Filodramático Libertário organizava as apresentações teatrais. É bem provável que um mesmo militante participasse ao mesmo tempo de diversos grupos.

Ao descrever os grupos anarquistas na França do mesmo período, Jean Maitron observa:

"Um grupo anarquista é um organismo muito particular e que não se parece em nada com as seções ou grupos de outros partidos. Não há nem sede, nem cotas fixas e nenhum companheiro é obrigado a anunciar de onde vem, o que faz e aonde vai. A sala do grupo é um lugar de passagem onde cada um fala à vontade, lugar de educação e não de ação."²⁷

²⁷ MALTRON, Jean. *Le Mouvement Anarchiste en France. I - des origines a 1914*. FM Fondations, Paris, 1983, p.122.

Ainda que formalmente desconectados, os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração. O grupo reunido em torno do jornal *O Amigo do Povo* foi o mais importante no período. A imprensa teve em quase toda a história do anarquismo um papel capital como agente de ligação.

A correspondência com grupos e jornais de outros países era muito freqüente. Às vezes também procuravam dividir tarefas com outros jornais brasileiros, mesmo os não anarquistas, colaborando entre si, como nos mostra essa observação da revista anarquista *Aurora* em 1905:

*A narração de escândalos e prepotências pode ser enviada para a seção em língua portuguesa do quotidiano Avanti! ou a La Battaglia desta cidade, ao Despertar de Curitiba, ou ainda para assuntos religiosos ou clericais ao Livre Pensador. Eles não recusarão decerto as suas colunas.*²⁸

Apesar dos constantes debates dos anarquistas com os socialistas do jornal *Avanti!* e das polêmicas que às vezes assumiam um tom inflamado, havia colaboração entre eles nas ações concretas. Por isso, os anarquistas de *O Amigo do Povo* ficaram muito surpresos com a sua exclusão do segundo congresso socialista reunido em São Paulo, em 1902²⁹, porque - argumentavam - nas lutas de propaganda, não se havia feito até então "entre esses dois partidos que pareciam trabalhar juntos", uma seleção propriamente dita³⁰. De qualquer forma, anarquistas e socialistas divergiam tanto sobre a estratégia a ser seguida como sobre a natureza do campo de batalha. Os anarquistas, recusando "a política", tentavam recriar a política em outra esfera, queriam criar um novo espaço e novos instrumentos, em uma concepção política que envolvia a ética e a moral.

Os dados disponíveis sobre a composição profissional dos militantes são muito parciais. As fontes permitem supor que eram compostos na

²⁸ *Aurora*, 01-05-1905, p.1.

²⁹ Segundo Alceste De Ambris, nesse congresso estavam representados 40 círculos e ligas, 32 de São Paulo, com 45 representantes, sendo 28 italianos, 13 brasileiros, 2 espanhóis e 2 alemães. Ver PINHEIRO, P.S. e HALL, M. *A Classe Operária no Brasil*. vol.1, p.38.

³⁰ *O Amigo do Povo*, 16-08-1902.

maioria por trabalhadores manuais. É possível observar a presença de tipógrafos, lixeiros, sapateiros, operários de olarias, pedreiros, carpinteiros, chapeleiros, ferroviários. Provavelmente, vários trabalhadores aderiam ao anarquismo inspirados pela leitura de algum jornal. Certamente os mais instruídos liam para os demais e é bem possível que um mesmo jornal passasse por várias mãos e fosse conservado e relido.

Mas é certo também que os anarquistas constituíam um grupo excepcional entre os operários. As experiências dos trabalhadores eram certamente muito diversas, como ilustram, por exemplo, as memórias de Zélia Gattai. Quando seu pai terminara sua narrativa sobre a experiência do avô, um anarquista que viera da Itália e vivera por algum tempo na Colônia Cecília, Zélia logo se dirige ao outro avô perguntando se também ele havia sido anarquista, ao que ele responde:

*"Não, não era anarquista nem monarquista. Nossa família não entendia nada de política. Éramos gente de igreja, todos católicos. Nossa história é muito parecida com a dos Gattai, mas completamente diferente"...*³¹

No que se refere ao jornal, florescia na experiência brasileira desse período uma característica pronunciada de quase toda a imprensa libertária: uma quase absoluta despreocupação com a coerência doutrinal interna e com as implicações teóricas gerais das afirmações particulares. A falta de uma organização de partido que exigisse uma uniformidade ideológica favorecia uma certa heterogeneidade na formação dos militantes. O grupo editor d'*O Amigo do Povo*, ainda que fosse claramente anarco-comunista, apresentava o jornal como "aberto a todas as tendências libertárias". É provável que as diferenças entre stirnerianos, tolstoianos, kropotkinianos e outros trouxessem inconvenientes para o movimento.

Nesse momento, quando no movimento internacional havia campanhas homogeneizadoras, o principal alvo era o individualismo exagerado. No Brasil, essa tendência manifestou-se sobretudo no Rio de Janeiro, onde, no início do século, os individualistas uniram-se em torno

³¹ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. São Paulo, Record, 1980.

da revista *Kultur*, dirigida por Elísio de Carvalho. Essa publicação dava ênfase a questões teóricas e discussões filosóficas sobre a doutrina. Guardavam obviamente diferenças profundas em relação aos anarquistas franceses, por exemplo, cuja opção individualista tendia à defesa e à prática de ações violentas e passavam a viver à margem do código. Entretanto, pode-se dizer que no início do século, a maioria dos anarquistas reprovava a fórmula terrorista. Os acontecimentos passados haviam demonstrado que o terrorismo era contraproducente³². No Brasil, os individualistas julgavam a educação a sua principal estratégia e estiveram ligados à experiência da efêmera Universidade Popular, que tinha como objetivo a instrução superior e a educação social do proletariado. Essa experiência era, sem dúvida, um esforço pela democratização da educação, o que era comum às mais diferentes tendências socialistas. Ainda que se esforçassem para atuar conjuntamente, os anarco-comunistas de *O Amigo do Povo* opuseram-se muitas vezes às expressões de um individualismo extremado dos artigos de Mota Assunção e Elísio de Carvalho. A oposição mais explícita vinha de Gigi Damiani que, depois de uma passagem por São Paulo, passou a dirigir o jornal *O Despertar* de Curitiba. Muitas vezes, as outras tendências indispunham-se com os individualistas, destacando para o perigo que o individualismo extremado representava ao aproximar-se de um dos principais alvos da crítica anarquista: o pensamento liberal. Havia também no Brasil alguns anarquistas inspirados pela doutrina de Tolstói, cujo principal defensor era Manuel Curvello de Mendonça, além de Juan Corona, Pereira da Silva e outros. Essa tendência, bem como a dos individualistas, eram minoritárias no movimento anarquista brasileiro.

O material que chegava até os anarquistas de *O Amigo do Povo* era sobretudo o italiano e o francês. Eles certamente liam tudo, comentavam entre si, interpretavam, recortavam e publicavam. De qualquer forma, é certo que não havia uma preocupação muito grande com a coerência teórica, e tanto n'*O Amigo do Povo* como em outros jornais, os anarquistas

³² A década de 1890 havia sido um período de grandes atos de violência dos anarquistas no cenário mundial. Foram mortos o rei Umberto I da Itália, a imperatriz Elisabeth da Áustria, o presidente Sadi Carnot da França, o presidente McKinley dos EUA e o primeiro ministro Cánovas da Espanha.

misturavam trechos e idéias, o que lhes parecia mais interessante do material que lhes chegava à mão. Portanto, qualquer esforço de classificação muito rígida é um tanto ilusória, sobretudo nesse momento onde as idéias e movimentos se gestavam. É inegável, porém, a grande influência do comunismo anarquista de Kropotkin e sobretudo de Malatesta, bem como dos anarquistas franceses do período. O grupo d'*O Amigo do Povo* era também muito aberto às idéias do sindicalismo revolucionário em oposição ao grupo do jornal *La Battaglia*, nascido em São Paulo, em 1904, e que era abertamente hostil à participação anarquista nos sindicatos. Para os anarquistas que escreviam em *O Amigo do Povo*, defender a formação de sociedades de resistência, era a única forma de não se limitar à divulgação teórica. Já em 1902, o primeiro ano do jornal, um artigo de *O Amigo do Povo* afirmava:

*"(...) Convém que, à medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento de revolta contra os injustos e inúteis sofrimentos de que são vítimas e o desejo de melhorar a própria condição, eles lutem unidos e solidários, pelo conseguimento do que desejam. A vantagem principal da luta pelos melhoramentos reside na luta em si. Os operários aprendem a ocupar-se dos seus interesses de classe, aprendem que o patrão tem interesses opostos aos seus, e que só unindo-se e tornando-se mais fortes que os senhores é que podem melhorar as condições e, por fim, emancipar-se."*³³

Quanto aos livros e folhetos vendidos na redação do jornal *O Amigo do Povo*, privilegiavam-se obviamente as obras de escritores anarquistas, mas abria-se espaço para outros críticos do capitalismo. Inspiravam-se e publicavam sobretudo os escritos de Malatesta. Depois transitavam de Kropotkin a Zola, passando por Faure, Tolstoi, Grave, Pietro Gori, Reclus, Sorel, entre outros. Sem dúvida os movimentos anarquistas italiano, francês e espanhol influenciavam muito os anarquistas brasileiros. A correspondência com jornais de outros países era muito freqüente.

³³ *O Amigo do Povo*, 24-05-1902, p.1.

Um tema que gerava debates e divisões entre os anarquistas era o da organização operária. *O Amigo do Povo* parecia concordar, seguindo Malatesta, que a maior força de transformação social eram o movimento operário (entendendo operário como uma categoria extremamente ampla) e o movimento sindical, e acreditava que, de sua orientação, dependiam em grande parte os rumos da revolução. Malatesta argumentava que, por meio das organizações fundadas para a defesa de seus interesses, os trabalhadores adquiriam a consciência da repressão a que estavam submetidos e do antagonismo que os opunha aos patrões, acostumando-se, assim, à luta coletiva e à solidariedade. No entanto, considerava que havia a necessidade de organizações estritamente anarquistas para lutar tanto dentro como fora dos sindicatos, para a realização integral do anarquismo e para impedir os germes da degeneração e da reação. Daí a necessidade de criar os grupos, núcleos em torno dos quais as massas deveriam agrupar-se. Isso porque tinha em conta que os movimentos criados pelos interesses materiais e imediatos à luta sindical tenderiam ao reformismo. Por conseguinte, os anarquistas precisavam estar próximos ao movimento sindical a fim de tornar essa experiência um meio educativo e uma preparação moral e material para o futuro.³⁴

Como vimos, apesar dos objetivos comuns, os anarquistas divergiram muito sobre as estratégias, os caminhos a percorrer: eram questões sobre as quais parece não ter havido consenso durante toda a história do movimento; atuar ou não junto aos sindicatos e como fazê-lo; se a educação e a propaganda por si só poderiam transformar a sociedade; o emprego ou não da violência. É claro que, observando as experiências do passado, os anarquistas concluíam que as insurreições não poderiam ter êxito, uma vez que grandes forças eram sempre mobilizadas para a repressão aos movimentos. É nesse contexto que a greve geral revolucionária surge como uma nova tática, num momento em que ela não parecia fantasia, uma vez que as greves gerais econômicas se multiplicavam em várias partes do mundo. Os anarquistas brasileiros acompanhavam os grandes debates que se travaram na Europa em torno da questão do sindicalismo. Um dos

³⁴ Ver MALATESTA, Errico. *A Anarquia e Outros Escritos*. São Paulo, Novos Tempos, 1988 e *Escritos Revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos, 1989.

primeiros folhetos que foram publicados e distribuídos aqui era justamente *As Bases do Sindicalismo*³⁵, do francês Emile Pouget, que *O Amigo do Povo* reproduzia freqüentemente em suas colunas. Esses textos procuravam esclarecer de forma simples e didática o significado e a importância do sindicalismo.³⁶ Os relatores de *O Amigo do Povo* traziam também para as páginas do jornal notícias sobre as greves que ocorriam no estado de São Paulo e também no resto do país.

É só em 1907 que o confronto entre Monatte e Malatesta, no Congresso anarquista de Amsterdã, divide claramente as lutas do sindicalismo revolucionário e o anarco-comunismo. Como vimos, Malatesta considerava o sindicalismo apenas um instrumento e acusava os sindicalistas revolucionários³⁷ de buscarem uma ilusória solidariedade econômica em vez de uma efetiva solidariedade moral.

Assim, muitas vezes o ingresso dos anarquistas nas sociedades de resistência e seu esforço para presidi-las, tinha uma justificativa do ponto de vista libertário puramente tática: deter avanços socialistas ou de outras tendências. Muitas vezes, falavam de greve geral em termos similares aos dos sindicalistas revolucionários, mas continuavam agindo segundo as pautas anarco-comunistas.³⁸

Os anarquistas brasileiros estavam atentos aos grandes debates travados pelo movimento internacional em torno da questão do sindicalismo.

³⁵ POUGET, Emile. *Bases do Sindicalismo*. Porto Alegre, 1906.

³⁶ A influência do sindicalismo revolucionário e da idéia da greve geral revolucionária pode ser observada também quando, em 1905, muitos anarquistas de São Paulo se reagrupam em torno de um novo jornal, *A Terra Livre*, onde a defesa da participação dos anarquistas nos sindicatos é ainda mais acentuada.

³⁷ Nesse momento, o sindicalismo revolucionário vai tomando consciência de si mesmo e se torna, ao menos até 1914, uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e ao socialismo. A expressão anarco-sindicalismo é posterior ao período do jornal *O Amigo do Povo* e só pode ser aplicada em alguns casos específicos.

³⁸ Ver, sobre esse tema, o estudo relativo ao anarquismo na Espanha, no mesmo período: MAURA, J. Romero. *La Rosa de Fuego-Republica y Anarquismo: la política de los obreros barceloneses entre il desastre colonial y la semana tragica, 1899-1909*. Barcelona, Ed. Grijalbo, 1975.

Se, para alguns, o sindicato era apenas um espaço apropriado para a propaganda anarquista, para outros ele constituía a base sobre a qual se ergueria a nova sociedade. Em meio a grandes debates, o jornal *O Amigo do Povo* estampava em suas páginas muitas notícias sobre as greves no Brasil.³⁹ Entretanto, também no Brasil alguns grupos anarquistas permaneceram hostis ao movimento sindical. Esses grupos em São Paulo, ligados sobretudo ao jornal *La Battaglia*, procuravam convencer os trabalhadores de que qualquer reforma social seria um desvio de energias. Assim, afirmavam aos operários que não havia pior inimigo que o reformismo. Esses conselhos nem sempre foram muito populares entre os trabalhadores.

O estudo dos grupos anarquistas na São Paulo do referido período permite perceber a grande complexidade que envolviam as opções e atuações dos militantes. Ainda que se tenha tratado das origens do movimento no Brasil, foi possível, através desse estudo, apontar em direção a questões mais gerais: para os anarquistas, a educação era a garantia da emancipação dos trabalhadores. Na verdade, toda a esquerda nesse período acreditava na luta da razão contra a ignorância e a superstição, na luta do progresso contra o passado, na ciência e na educação. Os anarco-comunistas, porém, mais do que qualquer outra corrente política, insistiram que somente uma transformação moral e cultural dos homens poderia levar a uma transformação da sociedade. Por isso, as mais diferentes atividades realizadas pelos anarquistas em São Paulo, nos primeiros anos do século, tinham como objetivo a instrução e difusão da idéia anarquista entre os trabalhadores, preparando-os para a sociedade futura.

³⁹ No Brasil, no início do século, houve movimentos sindicais parcialmente anarquistas, o que revela o esforço dos libertários em evitar que o sindicato se tornasse "autoritário e reformista". Outros sindicatos eram claramente inspirados pelo sindicalismo revolucionário. No entanto, é difícil saber em que medida a massa dos trabalhadores concordava com essa inclinação ou simplesmente adaptava-se às orientações conferidas aos sindicatos pelas lideranças, buscando a defesa de seus interesses econômicos e imediatos.